

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Graduação em Artes Visuais – Licenciatura

Trabalho de Conclusão de Curso

A MALETA DE LEMBRANÇAS:
UM OBJETO PROPOSITOR POÉTICO DESENVOLVIDO A PARTIR DE UM
INVENTÁRIO PESSOAL DE MEMÓRIAS

Nickole Monfron da Costa

Porto Alegre

2022

Nickole Monfron da Costa

A MALETA DE LEMBRANÇAS:
UM OBJETO PROPOSITOR POÉTICO DESENVOLVIDO A PARTIR DE UM
INVENTÁRIO PESSOAL DE MEMÓRIAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial e obrigatório para conclusão do
Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof.^a. Dr.^a Andrea Hofstaetter

Banca examinadora:

Prof. Dr. Celso Vitelli

Prof.^a. Dr.^a Dorcas Janice Weber

Dedico este trabalho aos meus pais,
Juliana e Antônio

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo minha família pelo apoio e pelo amor. Quero dedicar um agradecimento especial à minha mãe, Juliana Monfron, por me ensinar com muito amor e carinho todas as lições de vida, por me criar com sensibilidade, por sempre proporcionar um lar afetoso, por ser o maior exemplo de professora que tenho, me ensinando sempre a amar e a sentir orgulho da profissão que compartilhamos, e ao meu pai, Antônio Costa, pelo amor e carinho, por ter me incentivado desde pequena a ser criativa e a desenhar, por me ensinar a amar as coisas antigas, a fazer coleções e a reparar nos detalhes de tudo - dos objetos, das pessoas, dos momentos.

Aos meus avós maternos Vera e José Monfron, pelo afeto, pelos cuidados e pela dedicação que sempre dispuseram para me ver feliz. Aos meus avós paternos, Silvia e Mário Costa, pelos abraços saudosos e por me mostrarem as belezas da vida em meio a natureza. Aos meus padrinhos amados, Daniela Monfron e Clóvis Costa, pelo amor e pelo suporte que sempre me deram, em todos aspectos da minha vida. Aos meus primos Maria Eduarda Monfron da Costa e Mateus da Costa Castilhos, por dividirem comigo o espaço da excentricidade na família e o apreço pela arte. Ao José Ramiro Alves da Silva, pelos cuidados e pelas conversas sobre a vida, história e política. À Maria Elisa de Souza pelo afeto e pelas conversas acerca da nossa profissão.

Ao Bruno Valadão Cunha, meu melhor amigo e amor, pelo apoio e pela companhia, e toda família Valadão Cunha, pela relação de afeto que desenvolvemos e pelas trocas a respeito da vida e da arte.

Agradeço imensamente todos meus amigos, aqueles que estão comigo desde a infância, adolescência, juventude, e aqueles que conquistei nos últimos anos. Um agradecimento especial à Giulia Vailatti, Juliana Nora e Renata Rech, por serem minhas parceiras durante todos os anos em que formávamos nossas individualidades. À Vanessa Zaniol pelo suporte fundamental desde minha chegada à Porto Alegre, pela amizade e afinidade ímpar, por dividir comigo as belezas e as dificuldades da vida em sala de aula. Paulo Pureza, pela amizade, pelas trocas acerca dos ofícios da vida e da licenciatura, por dedicar um tempo para revisar esse trabalho com afeto e dedicação. À Ariane Webber, por estar enraizada em meu coração há tantos anos, por sempre acreditar em mim e na minha arte. Ao Germano Gelain, pela amizade, companheirismo e apoio.

À Betina Nilsson e Renata Milheiro, por entrarem na minha vida na reta final do curso, por serem minhas amigas queridas, parceiras, confidentes e a presença constante e fundamental nessa etapa final.

Menciono com muito amor e gratidão todos os professores que eu tive, desde as primeiras experiências em espaços escolares até a formação universitária. Agradecimento à Tânia Fortuna pelos ensinamentos tão ricos e sensíveis. Niura Ribeiro, Lilian Maus, Aline Nunes, Paula Mastroberti, Adriane Hernandez, Luciana Loponte - agradeço a orientação, as experiências e aprendizados compartilhados durante esses anos na Universidade.

Agradecimento especial à minha orientadora Andrea Hofstaetter, por oferecer uma orientação formidável, por pesquisar e compartilhar com o mundo a potência da criação de materiais didáticos para o ensino da arte. Obrigada pelas trocas, pelos aprendizados, por acreditar em mim e no meu trabalho.

À minha banca querida, Celso Vitelli e Dorcas Webber, pelas palavras de carinho e pelos ensinamentos, por estarem comigo nessa reta final e também por serem professores referência durante todo o percurso da minha formação.

Um agradecimento muito especial à minha psicóloga Jéssica Bordin de Campos, por todo suporte necessário para que eu pudesse organizar meus pensamentos e minha vida.

Um agradecimento afetuoso e indispensável aos gatos da minha vida, Sacha, Charlou, Chanel, Margot e Merlot, pelo amor sem medida.

*Com o cheiro de campo queimado
me transporto a longa distância
Viajando no passado
até encontrar minha infância*

Mário Costa

RESUMO

Este trabalho apresenta o percurso de criação de um material didático, compreendido como um Objeto Propositor Poético, elaborado a partir de uma investigação junto ao acervo de minhas memórias e recordações. Neste trabalho busco refletir acerca do uso de nossas próprias vidas como assunto de nossas criações, trazendo referenciais artísticos como Marcel Duchamp, Aby Warburg e Christian Boltanski, bem como algumas reflexões filosóficas de Gaston Bachelard. Para as teorias do ensino da arte e da utilização do lúdico em sala de aula, me apoio em textos de Mirian Celeste Martins e Tânia Fortuna, entre outros. Há também uma intenção em ponderar possibilidades e alternativas que proporcionem a utilização do material elaborado em diferentes contextos e espaços escolares.

Palavras-chave: Memórias; Material didático; Ludicidade; Objeto Propositor Poético.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Boîteen valise (1952) de Marcel Duchamp.....	12
Figura 2 - Boîteen valise (1952) de Marcel Duchamp.....	13
Figura 3 - Atlas Mnemosyne (1924-) de Aby Warburg.....	14
Figura 4 - Vitrine de référence (1971) de Christian Boltanski.....	15
Figura 5 - Eu com 3 anos, desenhando no meu cantinho.....	16
Figura 6 - Primeiro parecer na pré-escola e eu fantasiada de bruxa.....	17
Figura 7 - Pequenos (In)cômodos - o quarto.....	19
Figura 8 - Pequenos (In)cômodos – a cozinha.....	20
Figura 9 - Pequenos (In)cômodos – o ateliê.....	20
Figura 10 - Caixa de Artefatos Propositores.....	21
Figura 11 - jogo RoupArte.....	22
Figura 12 - Chão da minha sala em dia de pesquisa.....	26
Figura 13 - Meu inventário de memórias.....	26
Figura 14 - Meu Atlas Mnemosyne.....	29
Figura 15 - Página dedicada à minha mãe.....	29
Figura 16 - Página dedicada ao meu pai.....	30
Figura 17 - Primeiros anos de vida.....	31
Figura 18 - Observando os detalhes.....	32
Figura 19 - Tentativas de poesia.....	33
Figura 20 - Esquematização da maleta.....	34
Figura 21 - A Maleta de Lembranças.....	35
Figura 22 - Detalhes da maleta.....	36
Figura 23 - Detalhes da maleta.....	36
Figura 24 - Maleta para impressão.....	38
Figura 25 - Material de apoio.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFERENCIAIS POÉTICOS	11
2 EU, ALUNA E PROFESSORA	16
3 MEU INVENTÁRIO DE MEMÓRIAS	25
4 A MALETA DE LEMBRANÇAS	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O interesse dessa pesquisa surgiu a partir da experiência como bolsista no projeto intitulado *A Criação de Materiais Didáticos como Ato Poético*, com orientação da Prof^a. Andrea Hofstaetter, entre os anos de 2020 e 2021, que afirmou meu interesse pela área da elaboração de recursos para o uso em situações de aprendizagem em Artes Visuais, bem como as investigações, experimentações e proposições que os conduzem.

Esse trabalho reflete acerca da criação e do uso de um material didático autoral, desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada em meu próprio acervo de memórias, objetos afetivos e recordações. A questão de pesquisa ponderada é: *como fazer uso de um repertório pessoal de memórias afetivas e objetos pessoais na criação de um material didático e como adaptá-lo para o uso coletivo em sala de aula?*

No primeiro capítulo, discorro sobre os principais referenciais artísticos que inspiraram a produção desse trabalho, contextualizando e refletindo acerca de trabalhos de Marcel Duchamp, Aby Warburg e Christian Boltanski que se relacionam com meus interesses para essa construção.

No segundo capítulo, descrevo um resumo do meu percurso, desde os primeiros anos de vida até os dias mais recentes vivenciados na graduação, tratando dos atravessamentos que me transportaram até esse trabalho. Também faço um relato dos últimos trabalhos artísticos e pedagógicos que produzi, abordando o conceito que Objeto Propositor Poético.

No terceiro capítulo apresento o meu diário de bordo, o qual também se compreende como um livro de artista, intitulado *Meu Inventário de Memórias*, que foi o suporte estabelecido para organizar minhas investigações e ponderações acerca de mim, da minha vida e das minhas pesquisas. Nesse momento, discorro sobre algumas páginas específicas e narro os motivos para seu destaque.

No quarto capítulo apresento o material didático/Objeto Propositor Poético desenvolvido: *A Maleta de Lembranças*. Faço um relato do material, trazendo apontamentos acerca das suas relações com os demais assuntos pertinentes para esse trabalho. Junto ao OPP foi elaborado um material de apoio que faz uso de proposições e intenções lúdicas para possibilitar seu uso em diferentes contextos em aulas de Arte na educação básica.

Este trabalho de conclusão dedica-se, sobretudo, em refletir a respeito dos entrelaçamentos entre a minha poética e a minha atuação como professora de arte.

1 REFERENCIAIS POÉTICOS

A produção deste trabalho iniciou por uma extensa pesquisa de referenciais artísticos e pedagógicos, cujas obras e/ou trabalhos dispunham do princípio de serem propositores – conceito que será aprofundado mais adiante. Também realizei uma pesquisa em textos de diferentes nomes da filosofia e da teoria da arte. Antes de apresentar os principais referenciais que efetivamente influenciaram a construção do material, gostaria de escrever sinteticamente sobre os termos poética/poiética, na busca por desemaranhar suas definições, já que utilizo esses termos ao longo do texto. Além disso, penso ser importante sinalizar as diferenças e semelhanças entre os termos, pois foi uma questão que atravessou meu processo de criação, como professora e como artista, durante os momentos de escrita deste trabalho.

Poético é uma palavra usualmente utilizada para referir-se à poesia literária, também servindo como adjetivo para acontecimentos comoventes e emocionantes, para aquilo que “tem qualidades, atmosfera, encanto ou características da poesia” (*POÉTICO*, 2017) ou ainda, àquilo que “inspira; inspirador” (*POÉTICO*, 2010). Esses significados podem facilmente relacionar-se com a arte, havendo também o termo específico *poéticas visuais*, para o qual identificamos as mais diversas manifestações artísticas da imagem, do cinema à pintura (MEIRA, 2003).

Ao se tratar do ofício do trabalho artístico, do ato criativo, utiliza-se o termo *poiética*, percebido como “o processo de instauração das obras artísticas, envolvendo o fazer e o pensar sobre esse fazer, atos inerentes à atuação de artistas.” (HOFSTAETTER, 2022, p. 2). Para o embasamento histórico, Hofstaetter destaca que:

Paul Valéry, em 1937, na aula inaugural do curso de poética no Collège de France propôs este conceito (poétique) com a intenção de dar um sentido à palavra poética. Trouxe o sentido etimológico da palavra a partir do termo grego poiein, que designa o fazer. Para ele, mais do que apontar para a obra feita, o que importava era apontar para a ação de fazer a obra e tudo que está implicado nesta. (HOFSTAETTER, 2022, p. 2)

Poiética é também compreendido como o “campo de estudos sobre a criação poética e a partir da criação em processo.” (MEIRA, 2003, p. 43). René Passeron, famoso historiador da arte, apresentou a poiética como uma filosofia da criação, ampliando os sentidos visíveis e sensíveis do que se entendia anteriormente pelo termo, tradicionalmente relacionado somente à criação de poemas, expandindo assim o conceito para as demais formas de arte (HOFSTATTER, 2022), (MEIRA, 2003). Assim, reflito que, no âmbito das Artes Visuais e

também da docência, existem poéticas e poiéticas, visto que há o encantamento sensível e há o pensar e o fazer criativo.

Tratando-se dos sentidos sensíveis da arte, encontrei, em meu percurso na Universidade, alguns textos de filósofos inseridos no modo de pensamento que se compreende por fenomenologia, como Merleau-Ponty e Gaston Bachelard. Para esse trabalho, direcionei meus estudos aos textos de Bachelard, uma vez que a obra bachelardiana revela de maneira sensível as potencialidades simbólicas das materialidades mundanas e dos espaços que nos circundam. No que diz respeito à minha pesquisa, me interessam principalmente seus trabalhos que trazem reflexões acerca das reverberações fenomenológicas sobre a memória, a imaginação, o devaneio e a infância.

Bachelard, quando trata dos devaneios voltados para a infância, fala sobre "descer profundamente em nós mesmos (BACHELARD, 1996), e, assim, nos faz resgatar memórias perenes e experiências íntimas, que, quando revisitadas com um olhar poético, resultam na matéria-prima para o ato criador.

Quanto aos referenciais artísticos que inspiraram o trabalho, cito, primeiramente, a grande influência para o trabalho da Caixa de artefatos propositores (material que será referido no seguinte capítulo): as caixas-valise de Marcel Duchamp, produzidas entre 1938 e 1941, que são museus em miniatura que reúnem e preservam a sua obra (CABANNE, 1990, p. 121).

Figura 1 - Boîteen valise (1952) de Marcel Duchamp



Fonte: Museu Boijmans Van Beuningen, Roterdã, Países Baixos

Duchamp foi um artista transgressor, responsável por principiar novas maneiras de pensar a arte e por redimensionar os conceitos do que se compreendia por objeto artístico, além de trazer reflexões sobre o papel do público, que não teria de ser apenas observador da obra, mas parte da obra, ao manipulá-la à sua maneira.

Este acervo de artefatos instigava o manuseio do observador que, com suas contribuições e interpretações, transformava e ressignificava a obra. A princípio, Duchamp criou essas caixas, que continham documentos, fotografias, desenhos, miniaturas e impressões de obras, notas e afins, para que elas circulassem entre seus amigos e familiares, mas, com o tempo, tornaram-se itens de cobiça entre os colecionadores de arte.

Figura 2 - Boîte en valise (1952) de Marcel Duchamp



Fonte: Museu Boijmans Van Beuningen, Roterdã, Países Baixos

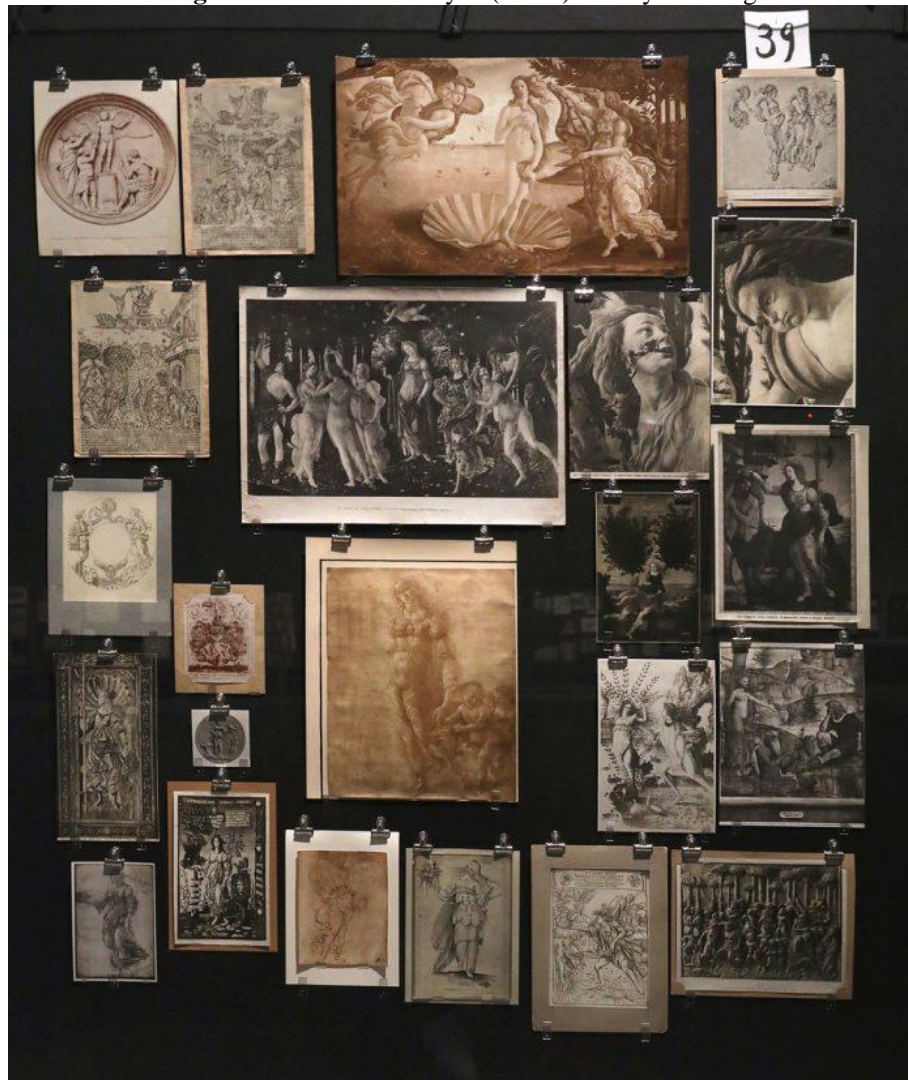
Um outro referencial artístico para se pensar em acervos é o trabalho Atlas Mnemosyne, iniciado em 1924 e jamais concluído, do historiador alemão Aby Warburg. Este grande e famoso catálogo foi nomeado a partir da deusa grega da memória (MACIEL, 2018). O trabalho consiste em 63 pranchas compostas por 971 imagens que organizam a história da humanidade a partir de detalhes, conexões e relações entre temas visuais e padrões recorrentes, criando um vínculo entre texto, imagem e história.

Além de sua importância para a História da Arte, devido a suas rupturas na forma de organizar e registrar pensamentos, um trabalho como esse se torna ainda mais relevante na

contemporaneidade, nesse mundo digital dominado pelas imagens. O que mais me interessa para minha pesquisa, é, especialmente, a interpretação de cada sujeito ao olhar para cada um desses painéis. Esse aspecto foi ressaltado pela historiadora Débora da Silva Margoni Barbian em seu trabalho de conclusão de curso.

A história do pensamento humano, resultado imediato do Atlas Mnemosyne, ainda pode ser colocado diante da história da percepção humana. Todavia, se trata de uma experiência permanente, de interação com o tempo e com o receptor - ou leitor. Cada indivíduo fará uma leitura apropriada a si, seu tempo, sua sociedade, seus ideais, suas vivências, seu lugar, suas memórias, seu senso crítico, sua bagagem cultural, seu intelecto. (BARBIAN, 2021, p. 15)

Figura 3 - Atlas Mnemosyne (1924-) de Aby Warburg



Fonte: Museu Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha

bruxa que perambulava jogando maldições no pântano (que era o pátio da minha casa) e quando eu vestia o vestido verde-limão (com cheiro de mofo) eu era uma fada que voava até a biblioteca (meu quarto) para pegar um livro específico que continha a magia certa para livrar o pântano de todo mal causado pela bruxa, que era eu mesma, cinco minutos antes.

Figura 6 – Primeiro parecer na pré-escola e eu fantasiada de bruxa



Fonte: página do Meu inventário de memórias, 2022.

Essa potência lúdica das fantasias foi o que me direcionou para minha posterior graduação em Design de Moda, com o especial interesse em figurinos de teatro e cinema. Quando me encaminhei para o campo das Artes Visuais, não foi uma surpresa, pois cresci em um ambiente favorável para o despertar do pensamento sensível e criativo.

Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e M. Terezinha Telles Guerra, no prefácio do livro *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo*, de 2010, trazem uma narrativa poética sobre a origem do mundo e do homem, e das ferramentas que este criou para explicar suas vivências – como as “línguas inventoras de mundos do brincante homem criador de signos” (2010, p. 4). Ao tratar da linguagem da arte, as autoras elaboram:

Dentre elas uma linguagem se fez especial, a linguagem da arte. Feita para o homem mergulhar dentro de si mesmo trazendo para fora e para dentro dos outros homens as emoções do próprio homem. Sabe o homem que as emoções é que são o sal da vida. Por isso é que, quando um homem quer falar ao coração dos outros homens, ele o faz pela linguagem da arte. Quando isso acontece, naquele homem sente e age o artista. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 4)

Ainda que fosse um antigo sonho de infância ser professora, confesso que ingressei na Licenciatura em Artes Visuais pelo desejo de explorar e compreender, na teoria e na prática, diferentes mídias artísticas. Na medida em que avançava os semestres, fui conhecendo diversas linguagens e percebendo que quase todas me interessavam de alguma forma. Fui sendo instigada por tudo que estava por trás da obra e do artista.

Nas disciplinas voltadas para a licenciatura, fui sendo cativada, especialmente, pela potência da arte no espaço da educação. Embora eu sempre tenha sido uma admiradora da disciplina de Artes na escola, somente na graduação – por planejar estar do outro lado da sala de aula, como arte-educadora – é que compreendi o motivo da arte revelar-se tão importante nesse espaço.

A arte se torna cada vez mais necessária no contexto escolar, na medida em que o mundo proporciona cada vez menos tempo e espaço para ela. Ser artista, ser professor, ser professor-artista é resistir. A disciplina de Artes não é, ou, pelo menos, não deveria ser, sobre ensinar a desenhar ou decorar mecanicamente os nomes de pintores de séculos passados, ainda que seja importante saber a história, a aula de artes deve proporcionar uma pausa no ritmo frenético do dia a dia, possibilitando um tempo/espaço para o olhar lento e observador, que demora nos detalhes e suspende os automatismos (LARROSA, 2004), assim desenvolvendo o pensamento, a imaginação, a criatividade, gerando sentido para os sujeitos envolvidos no processo e na experiência compartilhada.

Nos últimos anos, venho somando experiências que me impulsionaram para a temática tratada neste trabalho:

As disciplinas de Psicologia da Educação: O Jogo I e II, ministradas pela professora Tânia Fortuna, foram a porta de entrada para experienciar a ludicidade em sala de aula. Por meio de encontros semanais movidos por momentos de interação, brincadeiras, teorias e reflexões profundas acerca da vida e da pedagogia lúdica, fui conquistada pelas possibilidades da linguagem do jogo e do brincar, ao mesmo tempo em que fui instigada pelos desafios e pelas incertezas dessa prática. Tive, a partir deste momento, um desejo de pesquisar e entender mais sobre o assunto, para poder defender a importância do lúdico em sala de aula.

A disciplina Atelier de Cerâmica I, ministrada pela Professora Márcia Braga, na qual produzi um trabalho artístico conduzido pela leitura de textos de Gaston Bachelard e George Perec, e inspirado em minhas memórias afetivas, foi outro momento importante. Esse trabalho

foi criado no primeiro ano da pandemia do Covid-19, momento no qual nos encontrávamos isolados em nossas casas.

Para criar esse trabalho, intitulado Pequenos (In)cômodos, direcionei meu olhar para esses espaços acolhedores e suas características, e fiz uma imersão nas minhas memórias, em minhas recordações afetivas, meus acervos, objetos e coleções, acumulados desde a infância, e comecei a pensar em um projeto que pudesse traduzir, de forma artística, o misto entre sentir-se verdadeiramente acolhida pelos meus espaços e sentir-se enclausurada nesses mesmos ambientes, visto que essa específica combinação de sentimentos era algo particular da vida em quarentena.

Criei, por fim, esse trabalho, tentando encontrar as respostas para algumas questões, tais como: Quais marcas os espaços que já habitei deixaram em mim? O que faz, para mim, uma casa ser o meu lar? São as pessoas com quem divido meus espaços? São as minhas coisas? Quais coisas carrego comigo e por qual motivo as carrego?

Figura 7 – Pequenos (In)cômodos – o quarto



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Figura 8 – Pequenos (In)cômodos – a cozinha

Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Ao observar meus processos, sinto que a maior constante, e, também, a resposta para a maioria das perguntas que eu fiz ao criar esse projeto é, e sempre será, a minha família. Gosto de pensar que esse trabalho também serve como uma homenagem aos meus familiares, algo que procuro repetir com este trabalho de conclusão.

Figura 9 – Pequenos (In)cômodos – o ateliê

Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Cito, também, a experiência como bolsista no projeto de pesquisa intitulado *A Criação de Materiais Didáticos como Ato Poético*, com orientação da Prof.^a Andrea Hofstaetter, que foi fundamental para meu desenvolvimento como aluna e artista, bem como professora e pesquisadora, e que foi o que realmente confirmou meu desejo de direcionar meus estudos para essa área.

No período entre 01/09/2020 e 31/08/2021, elaboramos e produzimos um material didático compreendido como um conjunto de Objetos Propositores Poéticos, que têm a intenção de provocar ações, investigações e descobertas poéticas e artísticas.

Tendo como referência trabalhos imensamente relevantes para a História da Arte, como as caixas-valise de Marcel Duchamp e as proposições do Grupo Fluxus, esses objetos foram dispostos em uma grande caixa que, ao se desdobrar, revela novos materiais e apresenta novas possibilidades, trazendo à tona, assim, suas intenções lúdicas.

O material criado consiste em uma coleção de treze artefatos, e a maioria deles construída com materiais em desuso que foram repensados e reaproveitados. Um dos objetos que compõem o conjunto é um livro de ideias que contém proposições possíveis para utilização do material. De modo geral, o material é um convite a pessoas de qualquer idade, para manipular, brincar e explorar o conteúdo da caixa de maneira criativa e imaginativa.

Figura 10 – Caixa de Artefatos Propositores



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na sequência, cursei a disciplina de Laboratório de Criação de Material Didático, também ministrada pela Professora Andrea Hofstaetter. Nessa disciplina, produzi alguns materiais a partir da investigação de proposições artísticas modernas e contemporâneas e estudos de questões relacionadas à criação poética de materiais didáticos para uso em aulas de arte, principalmente por meio do conceito de Objeto de Aprendizagem Poético, de Tatiana Fernández, que será abordado posteriormente.

Um dos trabalhos produzidos para esta disciplina foi o jogo RoupArte, que integra os assuntos Arte e Moda. O material consiste em um mural magnético, croquis vazios imantados, muitas peças também imantadas de trabalhos de artistas e estilistas, recortes de revista variados e algumas cartas com proposições. A ideia central do jogo é montar *looks* inspirados em palavras a serem sorteadas aleatoriamente e perceber as semelhanças e diferenças nas criações de cada um, podendo, assim, fazer análises acerca das diferentes imagens, formas e cores utilizadas para representar cada palavra. Sempre fui entusiasta dos assuntos dessa área, e, neste trabalho, pude mesclar minhas duas áreas de formação em um material didático instigante e divertido.

Figura 11 – jogo RoupArte



Fonte: Arquivo pessoal, 2021-2022.

Também considero relevante mencionar minhas experiências de estágio obrigatório, que aconteceram de forma remota e presencial, respectivamente, no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS, em 2021, e no Instituto de Educação Flores da Cunha, em 2022.

Com os segundos e terceiros anos do Ensino Fundamental, de forma remota no CAP, produzi, em conjunto com outras duas colegas, um projeto apoiado na Pedagogia Lúdica, com aporte no pensamento de Tânia Fortuna, e baseado na temática dos objetos afetivos, intitulado *O Museu das Coisas Queridas*, título inspirado no trabalho do *Museu das Coisas Banais*, que é um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, criado em 2014. O acervo do museu é concentrado nos objetos afetivos e biográficos.

Nosso projeto contou com a construção de diversos materiais didáticos para uso em plataformas online, como videoaulas, *cards* explicativos, um museu digital com os trabalhos das turmas, entre outros. De forma analógica, fizemos a proposta de um *zine* que era preenchido individualmente, a cada semana, com diversas atividades. O pequeno livreto, feito por meio de uma dobradura simples, virou um diário de bordo que acompanhou os alunos durante as sete semanas de estágio.

Com os segundos e terceiros anos do Ensino Médio, de forma presencial, elaborei, em conjunto com uma colega, um projeto que também teve seus alicerces na Pedagogia Lúdica. As turmas, com adolescentes entre 15 e 19 anos, relatavam nunca terem usado materiais artísticos na escola. Percebemos, também, que os alunos não identificavam importância ou relevância na disciplina de Arte.

Portanto, elaboramos planos de aula, em que, semanalmente, trabalhávamos com a experimentação de diferentes materiais, fazendo uma imersão artística, sempre buscando trazer as proposições de uma maneira divertida, utilizando diferentes recursos e jogos, possibilitando uma participação coletiva e um ambiente descontraído. A temática do projeto de ensino era voltada aos estudantes e seus diferentes gostos, culturas, histórias, buscando que eles pudessem perceber aproximações da vida com a arte e da arte com a vida e assim, porventura, perceberem o valor das aulas.

Assim como esses materiais que elaborei nos últimos anos, para a utilização em sala de aula, o material construído para esse momento também é compreendido como um Objeto Propositor Poético que se relaciona com o termo “Objeto Propositor”, elaborado por Mirian Celeste Martins e seu grupo de pesquisa. Objeto Propositor, nome que se refere ao trabalho e às ideias da artista propositora Lygia Clark (MARTINS, 2005), é todo aquele material criado com a intenção de provocar experiências, desafiar os sentidos e promover encontros

significativos por meio de mediações lúdicas, afetivas e transformadoras. De acordo com Martins:

Provocar um diálogo enriquecedor por meio de objetos propositores amplia a potencialidade que ocupa um lugar não como ponte entre arte e o público, mas um lugar entre todos os que participam dos espaços sociais onde arte e cultura se instauram. Nesse espaço, os objetos propositores como mediação lúdica se oferecem de modo didático, impulsionando a sua utilização, recriação, transformação e novas invenções. (MARTINS, 2005, p. 96)

Outro termo muito relevante para minha pesquisa é o de Objetos de Aprendizagem Poéticos, conceito de Tatiana Fernández. Para ser considerado um bom OAP, entre vários quesitos, destaca-se que este precisa ser pensado e desenvolvido para provocar eventos artísticos/pedagógicos e produzir experiências significativas e singulares em que “o ser e o objeto se encontram e se reconstruem” (FERNÁNDEZ, 2015, p. 3483).

Um Objeto de Aprendizagem Poético também sugere uma postura artística e criadora do professor, a partir da qual podemos fazer uma relação direta entre proposições artísticas e proposições pedagógicas, visto que artista-obra-espectador corresponde à professor-OAP-aluno, em que, nas duas situações, constitui-se uma relação entre sujeito e objeto que proporciona experiências potentes e transformadoras.

O desenvolvimento deste trabalho se deu pelo aprofundamento dos conceitos que alicerçam esse projeto, bem como pela pesquisa de referenciais artísticos que inspiraram a criação poética de materiais propositores, dando suporte para a elaboração dos materiais desenvolvidos por mim, intitulados *Meu Inventario de Memórias* e *A Maleta de Lembranças*.

Pretendo, com o material desenvolvido, proporcionar em sala de aula momentos disparadores, abertos à imaginação e à criação. Tendo como referência também o conceito de Pedagogia Lúdica, conceito que será aprofundado no capítulo final, com aporte principal em Tânia Fortuna, foi elaborado um material de apoio a professores, com propostas pensadas para o uso em situações de aprendizagem, com possibilidades de operar com os conceitos estudados, bem como com os inventários pessoais de memórias e objetos de cada estudante.

3 MEU INVENTÁRIO DE MEMÓRIAS

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis

Manoel de Barros

Meus pais sempre tiveram apreço por guardar objetos importantes, cartas, recortes, fotografias e afins. Durante minha infância, minha mãe tinha uma coleção de anjinhos de porcelana. Lembro que eu ficava muito contente quando ela deixava eu brincar com eles. Eu os alinhava em algumas fileiras e imaginava ser sua professora. Na sua adolescência, minha mãe colecionou papéis de carta. Hoje ela tem uma coleção de lápis. Também no decorrer de minha infância, meu pai tinha uma coleção de bonecos de futebol, e mesmo não sendo uma criança interessada em esportes, lembro que me divertia brincando com eles. Na sua infância e adolescência, meu pai colecionou figurinhas e hoje ele coleciona objetos históricos e afetivos da nossa família, e os dispõe em uma cabana de madeira no sítio do meu avô. Em um futuro próximo, pretendo documentar todo o acervo da cabana.

Outras coleções que me marcaram foram as de meus avós maternos, já que, até os meus seis anos, morei na mesma casa que eles. Minha avó tinha (e tem até hoje) uma caixa de costura, com botões, dedais e agulhas, que sempre me pareceu mágica. Meu avô sempre organizou seu acervo de peças e ferramentas do seu trabalho na construção civil em um gracioso armário azul de pequenas gavetinhas. Meu sonho até hoje é encontrar um armário similar ao dele para guardar algumas de minhas coleções. Herdei esse hábito de colecionar recordações e objetos desde muito jovem e é graças a essa prática que hoje constituo meu trabalho como artista e professora.

Desse modo, para iniciar a construção física do material que me desafiei a produzir, iniciei uma busca concreta em meus acervos pessoais. Desfrutei de um material numeroso para minhas buscas e, por vezes, senti que estava fazendo uma investigação, tal como fazem os detetives em diversas histórias na literatura.

Além do olhar investigativo sobre mim, selecionei e reservei diversos itens para serem a matéria-prima do material, como papéis e livros antigos, envelopes, recortes, pequenos artigos de coleções etc., com o intuito de utilizá-los na própria feitura do material. Essa ideia de reutilizar, reaproveitar e transformar materiais e prezar por um baixo custo de produção é um assunto que me interessa e algo que sempre busco para minhas criações.

Figura 12: Chão da minha sala em dia de pesquisa



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Redescobri, em minhas buscas, itens guardados em caixas que estavam há muito tempo paradas, revirei guardados, meus e dos meus familiares. Solicitei fotografias e fiz perguntas acerca das histórias por trás dos momentos registrados. Fichei todos meus apontamentos em um diário, o qual nomeei *Meu inventário de memórias*.

Figura 13: Meu inventário de memórias



Fonte: Meu inventário de memórias, 2022.

A base física desse diário é um livro que estava nos descartes da biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS, que eu reutilizei por completo, pintando por cima dos antigos escritos e reaproveitando a estrutura do exemplar.

No decorrer de toda essa busca, fiz leituras que fundamentaram minha intenção de transformar minha própria vida em assunto para meu trabalho da docência-artística. No artigo *Processos metodológicos na investigação de um professor-artista* de Marcelo Forte, publicado em 2019, o autor fala sobre esse olhar que volta e revisita as próprias produções e vivências, observando as ações e os processos e buscando organizar, assimilar e tomar consciência do que atravessa nosso caminho e do que acontece em nosso entorno.

O autor refere-se também a um modo autoetnográfico de pesquisar, que é, em resumo, uma autorreflexão de si mesmo - de uma experiência pessoal - em relação a uma experiência cultural ampla. O autor também cita a pesquisa narrativa, a autobiografia, as histórias de vida, entre outros modos que permeiam esse tipo de estratégia de desenvolver uma pesquisa (FORTE, 2019). De acordo com Forte:

Portanto, não basta contar histórias sobre sua vida e trazer fatos experienciados para o campo da pesquisa. É preciso explorar o material produzido, investido de um repertório teórico e de ferramentas metodológicas que possibilitem tornar o conjunto de ações em conteúdo válido para a investigação, ou seja, buscar, através da experiência pessoal, possibilidades para ilustrar facetas da experiência cultural e, assim, apontar características de uma cultura familiar para pessoas de dentro e de fora (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, apud FORTE, 2019).

Esse diário foi produzido com a intenção de registrar minhas investigações, descobertas, análises, reflexões e devaneios acerca do meu próprio acervo de lembranças e recordações, bem como resguardar alguns itens afetivos, como desenhos originais e fotografias de família. Durante o percurso, o diário foi se tornando também um livro de artista, pois dediquei um olhar poético para a documentação das minhas memórias, fazendo intervenções artísticas com diversos materiais.

Esse inventário/acervo é um importante conjunto de referências pessoais e serviu como fundação para criação da *Maleta de lembranças* e para o material com as proposições pensadas que a acompanha.

A descrição da maleta e das proposições será feita no capítulo seguinte, ainda que sua manufatura tenha sido feita simultaneamente a todo restante do trabalho. Na sequência, irei discorrer brevemente sobre algumas páginas do *Meu inventário de memórias*, as quais foram extremamente relevantes para o desenvolvimento do material, principalmente aquelas que foram inspiração para algumas proposições criadas mais tarde.

Meu intuito principal com esse trabalho é que toda essa busca de referências pessoais possa desencadear em um trabalho frutífero que possa ser utilizado no contexto de diferentes salas de aulas, uma vez que a matéria-prima principal é a existência de cada sujeito presente nas aulas, com todos os símbolos e imagens que cada um carrega em seu acervo imaginário de memórias. Considerando imagem e memória como dois aspectos indissociáveis, Bachelard pontua que “O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. (...). Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. ” (BACHELARD, 1996, p. 99).

Ao perceber e refletir acerca das provocações e dos sentimentos que cada imagem participe desse inventário ressoa, quais as repetições mais recorrentes e quais valores e sentimentos atribuo a cada descoberta sobre mim, pude finalmente iniciar um processo de decidir quais aspectos dessa extensa pesquisa de referenciais pessoais iriam desdobrar-se para a parte do trabalho que se entrelaça com a licenciatura e com o ofício da docência. Busquei, portanto, sintetizar alguns pontos para enfim elaborar diferentes proposições artísticas possíveis de serem realizadas em diferentes contextos.

Enquanto fazia minhas buscas e preenchia as páginas, não segui nenhuma ordem específica. Logo nos primeiros dias de investigação, montei a minha versão do que seria meu Atlas Mnemosyne, contendo recursos visuais que acredito que seriam um resumo do que eu sou, ou de como me percebo.

Marie-Christine Josso, teórica que trata das narrativas e das histórias de vida, no prefácio do livro *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, de 2006, aponta que:

É assim que nossos fragmentos de memórias individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilização, em inspiração para que o nosso imaginário acerca de nós mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças ao nosso olhar retrospectivo sobre nós mesmos (JOSSO, 2006, p. 11).

Assim como a obra de inspiração, essa página pode ser mote de todo um plano de ensino, a partir da escolha de itens feita por cada sujeito, que ao fazer suas seleções e relações toma consciência de si mesmo e dos seus gostos, afirmando suas identidades e seu lugar no mundo. Segundo Meira (2003. p. 56), o artista, por meio das imagens “apresenta ao mundo a visão infletida e enviesada dele mesmo. ”.

Figura 14 – Meu Atlas Mnemosyne



Fonte: Página do Meu inventário de memórias, 2022.

Outra parte do *Meu inventário de memórias* que considero muito importante é o espaço destinado para homenagear algumas pessoas muito importantes na minha vida.

Figura 15 – Página dedicada à minha mãe



Fonte: Página do Meu inventário de memórias, 2022.

Nessas páginas, dedico um olhar retrospectivo sobre cada pessoa e o que ela representa na minha vida, refletindo acerca do vínculo que detenho com cada um, e o que essa conexão reverbera hoje na pessoa que sou. Já dizia Bachelard (2008, p. 202) “No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante.”. Em cada página faço uma composição diferente, pensando nas imagens e palavras que cada indivíduo me remete.

Figura 16 – Página dedicada ao meu pai



Fonte: Página do Meu inventário de memórias, 2022.

Na parte em que arrisquei uma organização cronológica das minhas memórias, pude perceber muito o aspecto do colecionismo, que herdei do meu pai, uma vez que a maioria dos objetos-lembrança que aparecem soltos nas páginas são objetos que carrego comigo até os dias de hoje.

Bachelard, quando trata de deixar-se levar em devaneios e lembranças acerca dos objetos comuns, diz que:

A imagem nos fornece uma ilustração da nossa admiração. Os registros sensíveis se correspondem. Completam-se um ao outro. Conhecemos, num devaneio que sonha sobre um simples objeto, uma polivalência do nosso ser sonhador. Uma flor, uma fruta, um simples objeto familiar vêm repentinamente solicitar que pensemos neles, que sonhemos perto deles, que os ajudemos a ascender ao nível de companheiros do homem. (BACHELARD, 1996, p. 147-148)

Todos esses objetos do dia a dia que são rememorados durante a minha retrospectiva ampliam essa ideia de elevar objetos comuns ao patamar de objeto artístico. Em 2002, no antigo Santander Cultural, hoje farol Santander, em Porto Alegre, aconteceu uma exposição intitulada *Apropriação|Coleção*, com curadoria de Tadeu Chiarelli.

No texto da exposição, o curador afirma que, por meio da apropriação e da coleção, cada indivíduo pode “produzir um novo universo imagético, aberto a inúmeras possibilidades de interpretação.” (2002, p. 23). Chiarelli também fala que os trabalhos que envolvem essa temática potencializam o significado da obra, uma vez que trabalham com objetos carregados

de simbologias, sendo assim “depositários de uma afetividade que simboliza o tempo passado de forma inexorável.” (2002, p. 29).

Figura 17 - Primeiros anos de vida



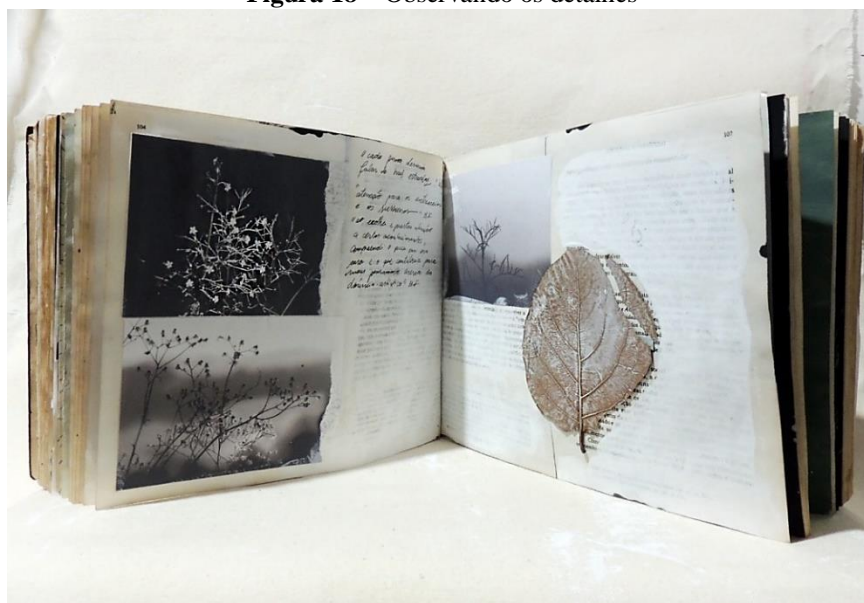
Fonte: Página do Meu inventário de memórias, 2022.

Novamente citando Bachelard (2008, p. 247), que enfatiza: “Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade.”.

É sobre essas diferentes reverberações que cada objeto pode afetar em cada indivíduo que pode ser muito potente para o ensino da arte, no momento em que esses objetos são incorporados no fazer artístico.

Outros pontos bastante recorrentes que apareceram no *Meu inventário de memórias* foi minha relação com a fotografia. Algo que faz parte da minha vida também desde a infância, uma vez que meus pais documentaram todo meu crescimento de forma analógica, e dispunham todas essas imagens em álbuns que eu revisito há cada poucos meses. Desde a adolescência, de maneira bastante informal e espontânea, faço registros fotográficos de tudo ao meu redor. Me encanta observar os momentos e retratar pessoas queridas, animais, paisagens, plantas, flores, casas, e sobretudo, perceber os detalhes de cada imagem.

Figura 18 – Observando os detalhes



Fonte: Página do Meu inventário de memórias, 2022.

Fernando Pessoa traz que “as imagens emergem do ato poético de pensar, da relação dramática entre o corpo e o espírito. Ver é captar a existência de um acontecimento pelo tênue fio afetivo que faz entrar em sintonia com sua natureza.” (PESSOA apud MEIRA, 2003, p.76). É nesse ímpeto de captar a existência pelo olhar sensível de cada um que a potência do ato criador encontra-se. E nós, como professores de Arte, temos o compromisso de proporcionar/disponibilizar oportunidades para que essas vivências aconteçam.

No livro-diário também há um espaço dedicado ao que chamo de *meus espaços geográficos*, em que fiz uma assemblagem com recortes de correspondências de endereços, atuais e antigos, meus e de pessoas queridas, em conjunto com ilustrações desses lugares. Penso que, em cada mudança feita, eu escolhia o que ia embora e o que ficava comigo. Essas coisas que ficaram comigo são, coincidentemente, a motivação para todo esse trabalho.

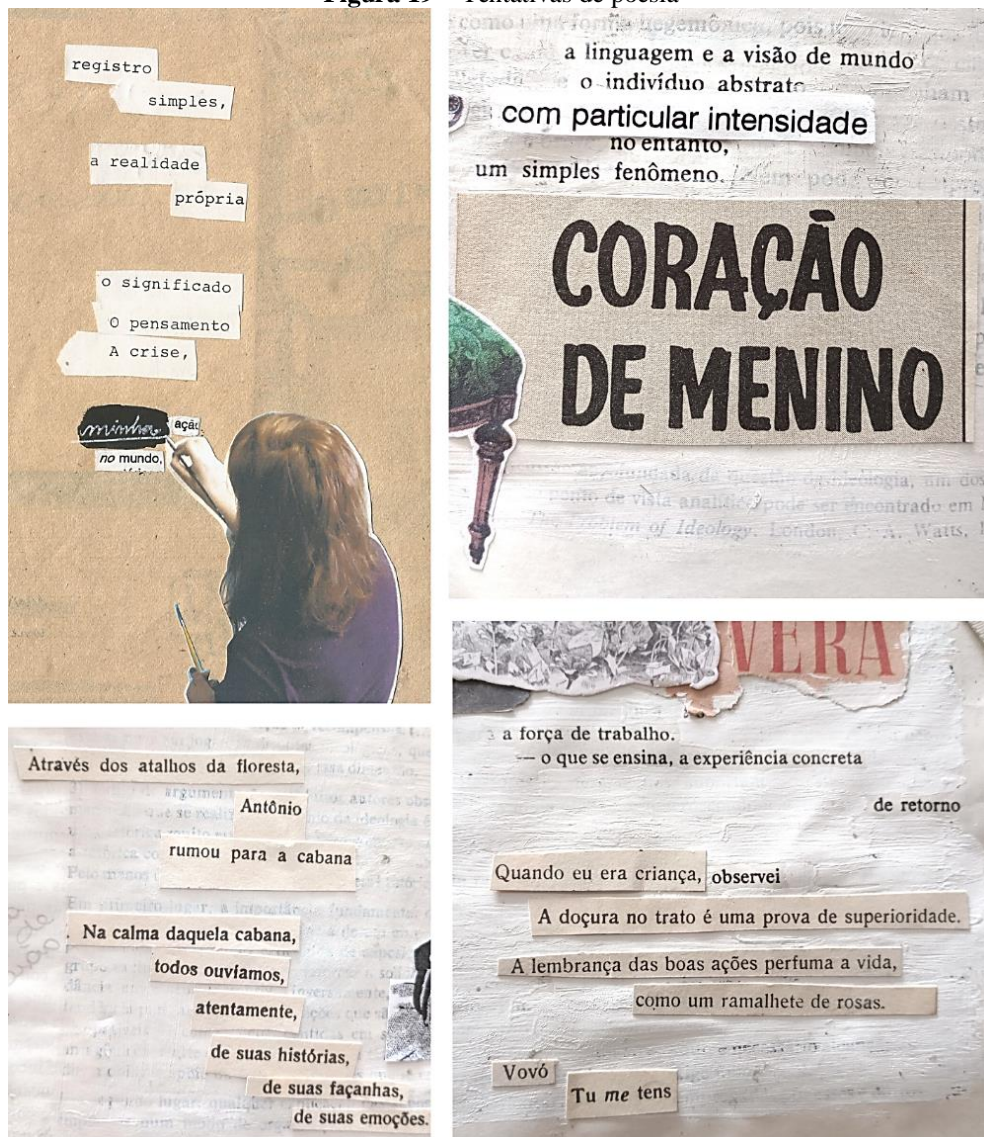
Um dos últimos destaques que quero mencionar, que se desenvolve depois junto do material com as proposições, é minha relação com a palavra. Há, nas páginas, anotações várias, fichamentos dos textos que li para fundamentarem esse trabalho, contudo, não há tantas anotações pessoais, além de breves explicações ou contextualizações.

Considero que nunca tive facilidade com as palavras, ao contrário do meu avô poeta. Contudo, em minhas pesquisas de referenciais artísticos e lúdicos, me deparei com algumas proposições sobre o ato de jogar com as palavras, e desde então encontrei uma forma que me agrada e assim tenho conseguido elaborar algumas reflexões soltas de maneira mais

descomplicada e poética, utilizando revistas/jornais, dos quais recorto palavras e as reorganizo, formando algumas frases ou pequenos poemas.

Também fiz uso do próprio texto que estava no livro originalmente, reaproveitando as palavras e fazendo novos arranjos. Como já dizia Manoel de Barros (1996, p. 71): “Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria”

Figura 19 – Tentativas de poesia



Fonte: Página do Meu inventário de memórias, 2022.

4 A MALETA DE LEMBRANÇAS

Desde muito pequena, lembro-me do meu interesse por caixas, maletas e álbuns. Por esse motivo, eu não poderia deixar de escolher essa maleta para ser o suporte desse material didático/OPP, sobretudo porque ela chegou até mim meses antes de iniciar o TCC, por meio da minha prima, que, ao perceber meu encanto com a maleta, me deu ela para que eu fizesse algum uso artístico. A primeira anotação que eu fiz no meu livro-diário foi a esquematização da maleta, com algumas ideias esboçadas para os itens que queria que fizessem parte desse material.

Figura 20 – Esquematização da maleta



Fonte: Página do Meu inventário de memórias

A *Maleta de lembranças* funciona, tal como as caixas-valise de Duchamp, e as vitrines de referência de Boltanski, como um acervo resumido da minha existência. Tudo o que nela foi afixado foi referido poeticamente no *Meu inventário de memórias*.

Conforme mencionei antes, a maleta foi sendo produzida ao mesmo tempo que o livro-diário, fazendo que, durante a própria pesquisa, eu já fosse fazendo as escolhas do que seria disposto e de como tudo seria organizado dentro desses espaços. Selecionei e descartei vários objetos, peguei objetos prontos, objetos queridos e afetivos, objetos que criei, fiz diversos arranjos e modifiquei vários elementos até chegar à versão final, apresentada a seguir, também sendo a melhor versão dela mesma.

A maleta diverte o olhar e convida o observador para o manuseio e essa é mesmo a sua intenção como um Objeto Propositor Poético, servindo como base de todo um projeto de proposições que surgiram a partir de tudo que nela contém.

Figura 21 – A Maleta de Lembranças



Fonte: A Maleta de Lembranças, 2022.

A seguir, selecionei alguns recortes do interior da maleta. Cada espaço compreende uma série de itens que representam fragmentos de mim. Fotos minhas, coisas que colhi e colecionei, itens queridos que ganhei. Deixei a imaginação fluir em quase todos os aspectos da montagem deste artefato, pensando racionalmente somente depois, quando transporte a imagem poética para a proposição educativa.

Figura 22 – Detalhes da maleta



Fonte: A Maleta de Lembranças, 2022.

Figura 23 – Detalhes da maleta



Fonte: A Maleta de Lembranças, 2022.

A maleta, sendo um OPP, pretende ser um suporte, um recurso, para inserir o que eu considero ser o mais relevante para a sala de aula: colaborar para que o aluno perceba que em seu próprio cotidiano há arte e há material sensível para utilizar, não só nas aulas, mas na vida.

A introdução de um material como esse em sala de aula abre possibilidades múltiplas, e a forma de trabalho estabelecida apoiou-se na Pedagogia Lúdica. Uma das principais

referências para esse trabalho é, também, a pessoa responsável por desadormecer meu interesse e minha admiração pela ludicidade e por resgatar minhas “raízes crianceiras” (FORTUNA, 2011, p.42). Tânia Ramos Fortuna foi minha professora por dois semestres, um destes, seu último como professora da FACED e, apesar da nostalgia da despedida, seus ensinamentos brincantes ecoam constantemente em minhas reflexões como docente.

Em sua tese, Fortuna (2011) diz que a paixão é parte essencial no estudo da atividade lúdica uma vez que ela ajuda a explicar o envolvimento com o tema, a partir dos “significados atribuídos ao ato de brincar” (FORTUNA, 2011, p. 69) por cada indivíduo. A autora também discorre sobre lembrança, recordação e memória coletiva e individual, em especial, de professores, e suas relações com a dimensão cognitiva, ou seja, seu envolvimento e sua compreensão das ações em relação aos seus saberes. Citando uma das questões orientadoras da investigação de Fortuna: *como e em que condições ao longo da vida se constituem as identidades, as subjetividades e os saberes profissionais dos professores que brincam?* - Essas ponderações auxiliam minha tomada de consciência acerca de meus motivos para ser uma professora brincante e também elucidam os desafios futuros que sucedem essa escolha.

Fortuna (2011) afirma que é possível brincar e aprender, e, em suas aulas regadas de diversão e aprendizado, isso se fez evidente. Sempre corroborada pelos principais teóricos da temática - Brougère, Caillois, Huizinga, Paiget, Staccioli, Vigotski, Winnicott, entre outros - em seus textos, a autora fundamenta a importância de uma formação lúdica de professores, visto que, criar uma “atmosfera lúdica” em sala de aula favorece a aprendizagem e contribui para o desenvolvimento da subjetividade, criatividade e autonomia do aluno. Um outro importante autor trazido pela Tânia Fortuna em suas aulas, Gianni Rodari, em seu livro *A gramática da fantasia*, diz que “Brincar com as coisas serve para conhecê-las melhor.” (1982, p. 99).

Por ser um trabalho que trata e concentra-se nas memórias e nos objetos afetivos de um indivíduo, conseqüentemente, pode representar algo muito particular e exclusivo da pessoa que elaborou o material. Assim, me senti ainda mais desafiada a pensar em possibilidades de utilização deste Objeto Propositor Poético.

O material de apoio desenvolvido a partir do OPP criado traz possibilidades de proposições que permitam a aproximação e utilização dos acervos pessoais de cada aluno em cada proposta. O OPP também é um material didático, pois segundo Trojan e Rodríguez, trata-se de “qualquer tipo de material que se destina a ser utilizado por alunos e professores e quando

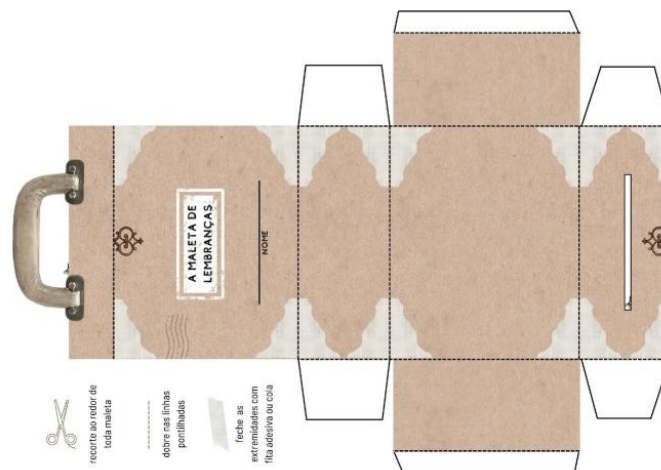
têm como finalidade específica auxiliar no processo de planejamento, desenvolvimento e avaliação da proposta curricular.” (PARCERISA ARAN, apud TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008, p. 55).

A criação e o uso de um material didático, neste caso, um Objeto Propositor Poético, pode facilitar a interação entre os estudantes, e o objetivo é que os alunos possam levar para a aula de Arte suas memórias e experiências pessoais, ligadas aos seus objetos e às suas vivências afetivas, na intenção de utilizarem e aproveitarem tudo isso como condução e inspiração para criar e produzir seus trabalhos, e assim dar sentido às aprendizagens e transformar, ainda que temporariamente, a sala de aula em um ambiente potente, criativo, diverso e divertido para todos.

O material de apoio intitula-se *A Maleta de lembranças: exercícios sobre nossos afetos & memórias*, e contém dezessete páginas, sendo destas, doze com proposições variadas, com os títulos: a maleta; nós mesmos; os outros; os objetos queridos; pés no mundo; a minicoisa; registros cotidianos; as coisas de que eu gosto; as palavras; a natureza ao redor; o lugar no mundo; pequenos guardiões. Cada uma dessas temáticas pretende adentrar o mesmo processo investigativo que eu tive comigo mesma ao construir a maleta.

Trata-se de uma versão mais acessível, possível de se realizar em diferentes contextos escolares, a começar pela página de impressão que simula uma maleta de viagem, a qual os professores e alunos podem imprimir, montar e iniciar sua coleta de memórias a partir das proposições. O arquivo do material será disponibilizado online para o acesso e uso de todos interessados.

Figura 24 –Maleta para impressão



Fonte: Material de apoio da maleta de lembranças, 2022.

Seguem abaixo algumas páginas do material com as proposições:

Figura 25 - Páginas do material de apoio



Fonte: A Maleta de lembranças: exercícios sobre nossos afetos & memórias, 2022.

Endereço para fazer download do material completo:

drive.google.com/file/d/1q7OP0BIsPHU0vk3h0kGuodrf07tYpq40

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início minhas considerações finais, primeiramente, retomando à pergunta inicial mote para essa pesquisa: *como fazer uso de um repertório pessoal de memórias afetivas e objetos pessoais na criação de um material didático e como adaptá-lo para o uso coletivo em sala de aula?*. Hoje sinto que tenho respaldo para, não só responder a essa pergunta como seguir fazendo outros questionamentos - essas indagações, mutações e adaptações fazem parte da prática da docência-artística. Por ora, ainda que seja necessário sempre questionar nossas próprias abordagens, sinto que posso elaborar uma resposta para a pergunta inicial.

A pesquisa e investigação em meu repertório pessoal não serviu apenas para que eu fizesse um resgate narrativo e biográfico sobre minha vida, mas para que eu acessasse os potenciais sensíveis e as imagens simbólicas que fazem de mim quem eu sou. Desse modo, pude refletir sobre as tantas possibilidades poéticas que cada sujeito carrega consigo, no decorrer de sua existência.

Para adaptar um inventário pessoal ao uso coletivo em sala de aula, basta tratá-lo como qualquer outra obra propositora: convidar os sujeitos para que desta participem. Dar aos alunos a oportunidade de utilizarem suas identidades às vivências em sala de aula e de participarem ativamente na construção dos trabalhos é algo que se mostrou fundamental.

Uma aula descontraída, divertida, que insere recursos lúdicos, que quebra os automatismos rotineiros e que trata de assuntos pertinentes ao contexto específico de cada turma e de seus sujeitos, pode provocar momentos onde o aluno reconhece seu espaço na sala de aula bem como seu potencial criativo, que pode ser utilizado para além da escola. O aluno que participa de um encontro que dispõe de materiais propositores percebe também a importância das trocas e das interações com os demais sujeitos, refletindo e compreendendo as conexões entre eles mesmos, a arte e o mundo ao seu redor.

Esse projeto também pode, porventura, contribuir com o campo da criação de materiais didáticos para o uso em situações de aprendizagem em artes, visto que não há um vasto material acerca dessa temática e que há uma necessidade iminente de que se realizem mais pesquisas e trabalhos que possam qualificar e defender esse campo, assim, inspirando cada vez mais outros professores a serem professores-artistas, criadores de materiais propositores e poéticos que gerem experiências artísticas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de. (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- BARBIAN, Débora da Silva Margoni. **Memórias de um Atlas cosmopolita e a esfera do tempo suportado**. Orientadora: Joana Bosak de Figueiredo. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre, BR-RS, 2021.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996
- CABANNE, Pierre. **Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.
- CHIARELLI, Tadeu. **APROPRIAÇÃO|COLEÇÃO|JUSTAPOSIÇÃO**. In: *apropriações|coleções*. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002. p. 21 - 32.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (organizadores). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- DUCHAMP, Marcel. **O Ato Criador**. In: BATTCKOK, G. (org.). *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva. 1975.
- FERNÁNDEZ MÉNDEZ, Maria del Rosario Tatiana. **O evento artístico como pedagogia**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Artes, PPGArte, 2015.
- FERNÁNDEZ, Tatiana. **Objetos de aprendizagem poéticos para o ensino das artes visuais**. Brasília: Universidade de Brasília, s/d. Objeto de aprendizagem digital. Disponível em: <http://estagiodeartista.pro.br/>. Acesso em agosto de 2022.
- FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. **Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação**. Santa Maria/RS: Anais do 24º Encontro Nacional da ANPAP, 2015, p.3481-3495.
- FORTE, Marcelo. **Processos metodológicos na investigação de um professor-artista**. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 3. p. 05-19, set/dez. 2019

FORTUNA, Tânia Ramos. **A formação lúdica docente e a Universidade: contribuições da Ludobiografia e da Hermenêutica Filosófica.** Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, PPGEduc, 2011.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Em busca da pedagogia lúdica: como brincam os professores que brincam em suas práticas.** Revista Eletrônica Ludus Scientiae. Foz do Iguaçu, v. 03, n.01, p. 01-19, jan./jul. 2019.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Formação continuada de professores e extensão universitária: notas de pesquisa sobre a formação lúdica docente na universidade.** Revista da Extensão N°7. Dez/2013

GRENIER, Catherine. Christian Boltanski - Vitrine de référence. In.: DUPLAIX, Sophie (org.) **Collection art contemporain:** Paris, Musée national d'artmoderne. Paris: Centre Pompidou, p. 74, 2007. Disponível em: <<https://www.centrepompidou.fr/fr/ressources/oeuvre/cKxLx8K>>. Acesso em 22 abr. 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação:** Os Projetos de Trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998

HOFSTAETTER, Andrea. **Ação docente como ato poético na produção de objetos propositores.** Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 774-792, set./dez. 2021.

HOFSTAETTER, Andrea. **ANCORAGENS AFETIVAS: IMAGENS-LEMBRANÇA EM PROSPECÇÕES IRREALIZADORAS.** 23º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. Belo Horizonte, 2014,

HOFSTAETTER, Andrea. **Criação de material didático em artes visuais:** dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem. Memórias e Invenções Anais do 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, setembro de 2017, Campinas, SP, 2017.

HOFSTAETTER, Andrea. **Deambulações poéticas na docência: para ser professora de artes precisa ser artista?.** 31º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. Campinas, 2022.

HOFSTAETTER, Andrea. **POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS**. Anais do 24º encontro nacional da ANPAP. Santa Maria, 2015.

HOFSTAETTER, Andrea; COSTA, Nickole Monfron da; **Caixa de Artefatos Propositores: exercícios experimentais exploratórios a partir das artes visuais**. (Re)existências: Anais do 30º encontro nacional da ANPAP. João Pessoa, 2021.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

MACIEL, Jane Cleide de Sousa. **Atlas mnemosyne e saber visual: atualidade de Aby Warburg diante das imagens, mídias e redes**. Artigo em revista: Revista Ícone, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/238041/pdf>>. Acesso em 2022.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação: estudos iniciais de um conceito**. In: Mediação: provocações estéticas. 1.ed. São Paulo: Instituto de Artes/Unesp. Pós-Graduação, 2005. v. 1. N.1 p.40-57.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Objetos propositores: a mediação provocada**. In: Mediação: provocações estéticas. 1.ed. São Paulo: Instituto de Artes/Unesp. Pós Graduação, 2005. v. 1. N.1 p. 94-123.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Teles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte**. São Paulo: FTD, 2010.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Barcelona: Montesinos, 2001

POÉTICO. In: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5 ed. 2010.

POÉTICO. In: Dicionário Oxford Languages, 2017.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

TROJAN, Rose Meri.; RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Jesus. **Os PCN's e os Materiais Didáticos para o Ensino da Arte: o que propõem?** Revista Linhas, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2008. Disponível em:
<<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1397> >. Acesso em agosto de 2022.